

### 3 Wittgenstein e os nomes próprios

O presente capítulo reflete mais verticalmente a respeito do estatuto dos *nomes próprios* no pensamento do “segundo Wittgenstein”, levando em conta passagens e noções associadas ao que podemos chamar de *visão wittgensteiniana de linguagem*. Como disse, testo aqui a hipótese de que, tal como é percebida no senso comum, essa classe de palavras se presta com especial docilidade a reforçar a visão de linguagem que o filósofo se empenhou em criticar — aqui o nome, ali o nomeado. Aspirando em sua crítica, como sempre, não à construção de uma (outra) teoria geral da linguagem, mas antes à dissolução de embaraços filosóficos que imputa à força histórica insidiosa do paradigma nome-objeto, Wittgenstein acaba por nos brindar com uma visão radicalmente pragmática dos nomes próprios. Dedicamo-nos aqui a explorá-la, com foco no modo particular como nela se sublinha a historicidade de toda metalinguagem e também o seu conservadorismo.

#### 3.1. O que conta como um nome próprio?

Como já enunciado, o pensamento encontrado nos escritos mais maduros de Ludwig Wittgenstein proporciona reflexões críticas a uma tradicional visão objetivista da linguagem, propondo não uma nova teoria geral da linguagem, mas o entendimento da linguagem como forma de vida (*Investigações filosóficas* §§7, 19, 23, 241; *Livro castanho*, 134), isto é, como algo que, como a vida, não é fixo nem preestabelecido por mecanismos externos e anteriores a si.

Assim, o que a reformulação da questão “o que é um nome próprio?” sob a forma de “o que conta como um nome próprio?” enfatiza é, em boa parte, um deslizamento do grau de certeza que se pretende fornecer a partir de uma reflexão sobre o nome próprio. E este deslizamento é proposto por Wittgenstein a partir de uma postura filosófica que pretende salientar que a certeza ofertada

pela suposta fixidez contida em uma “definição” do nome próprio, ou de qualquer outra coisa, nunca foi de fato franqueada ao comum dos mortais, nunca se pôde de fato desfrutar do conforto da estabilidade prometida<sup>6</sup>.

Se o pensamento radicalmente pragmático proposto por Wittgenstein nas suas *Investigações filosóficas*<sup>7</sup> já é de difícil compreensão quando trata de nomes comuns, o passo a ser dado para que se aplique tal entendimento ao campo dos termos metalinguísticos é ainda mais largo e repleto de sutilezas.

O início desta caminhada, no entanto, é indispensável a qualquer pessoa que pretenda compreender as visões de linguagem que se pode apreender do pensamento wittgensteiniano. Trata-se de abrir mão da promessa de um solo plano e firme, lançando-se a um solo declaradamente irregular. O convite é feito pelo filósofo no §107 das *Investigações*: “Retornemos ao solo áspero!”, passagem que merecerá análise mais vertical ainda neste capítulo.

O aparente abandono do solo liso pode espantar de início, mas, quando paramos para pensar, é no solo áspero que temos um aliado: o atrito! E é justamente o atrito que não comparece em teorias que tradicionalmente, em especial no Ocidente, recaem naquilo que Wittgenstein batizou de “dieta unilateral” (*IF*, §593<sup>8</sup>), tendência esta que se confirma na insistência de tais teorias em aplinar as reentrâncias dos nossos caminhos por meio de definições generalizantes. Sobre isto, Wittgenstein registrou em seu *O livro azul* (p.17): “O que torna difícil seguir esta linha de investigação é o nosso desejo de generalidade.”<sup>9</sup>

O §118 das *Investigações* oferece fortes indícios de que o filósofo estava ciente de que o deslocamento que propunha suscitaria críticas as mais diversas. Ao sugerir a retirada do grande e confortável tapete sobre o qual repousavam tantos anos de teoria, era muito provável que uma reação viesse sob o argumento de que suas reflexões não promoviam mais que mera destruição.

§118. De onde nossas considerações tomam sua importância, desde que parecem destruir tudo o que é interessante, isto é, tudo o que é grande e importante? (Como em todas as construções, na medida em que deixam sobrando montes de pedras e escombros.) Mas são apenas castelos de areia que destruimos, e liberamos o fundamento da linguagem sobre o qual repousavam.<sup>10</sup>

<sup>6</sup> No capítulo 4, poderemos associar tal cenário à luta travada por Watt com as palavras.

<sup>7</sup> Doravante *IF* ou *Investigações*.

<sup>8</sup> §593 “Uma causa principal das doenças filosóficas – dieta unilateral: alimentamos nosso pensamento apenas com uma espécie de exemplos”.

<sup>9</sup> *Now what makes it difficult for us to take this line of investigation is our craving for generality.*

<sup>10</sup> §118 *Woher nimmt die Betrachtung ihre Wichtigkeit, da sie doch nur alles Interessante, d.h. alles Große und Wichtige, zu zerstören scheint? (Gleichsam alle Bauwerke; indem sie nur Steinbrocken*

O que encontramos nas suas palavras é a confirmação de que seu raciocínio promoveria, ao contrário, uma *libertação*. E neste ponto meu argumento converge com Hacker (2001, p.41), renomado leitor da obra de Wittgenstein:

Não é difícil defender Wittgenstein dessa acusação. Ainda que sua filosofia fosse de todo negativa e destrutiva, a tarefa crítica da filosofia não terá fim enquanto a humanidade for propensa a cair em confusão conceitual, seja no pensamento filosófico ou na ciência, matemática, e nas humanidades. E uma vez que não há como circunscrever as confusões conceituais que podem vir a distorcer o pensamento humano, nem como prever de antemão novas fontes de embaralhamento conceitual que podem emergir de uma cultura, jamais haverá fim para a necessidade de crítica filosófica.

Contudo, a despeito das declarações do próprio, a filosofia de Wittgenstein contém em si também um aspecto construtivo complementar, que ele mesmo reconhecia. Lado a lado com sua demolição das ilusões filosóficas na lógica, matemática e filosofia da psicologia, ele nos fornece numerosos panoramas da gramática lógica de conceitos problemáticos, penosamente traçando conexões conceituais que tendem a nos passar despercebidas. A geologia conceitual do *Tractatus* abriu caminho para a topografia conceitual das *Investigações*.<sup>11</sup>

Ao deixarmos de insistir em teorias generalizantes, ao abandonarmos a “dieta unilateral”, experimentaríamos uma liberdade inaudita, pois, até então convivêramos com uma promessa de certeza e de solidez, acompanhada, não obstante, de uma espécie de incômodo em muito incongruente com a estabilidade que parecia nos cercar. Este incômodo, que em um movimento quase inconsciente tentávamos ignorar, pôr de lado, em verdade persistia tal como um zumbido que nos atormenta de modo inexplicável e constante — como aquele que atormenta a boca frenética do texto de Samuel Beckett em *Not I* “... what? .... the buzzing? ... yes ... all the time buzzing... so-called... in the ears”.

Ao abandonarmos a busca por um fundamento que estabilize por completo a significação linguística, uma espécie de tolerância nos toma, e o que

---

*und Schutt übrig läßt.) Aber es sind nur Luftgebäude, die wir zerstören, und wir legen den Grund der Sprache frei, auf dem sie standen.*

<sup>11</sup> *It is not difficult to defend Wittgenstein against this charge. Even if his philosophy were wholly negative and destructive, the critical task of philosophy can have no terminus as long as mankind is prone to fall into conceptual confusion, either in philosophical thought or in science, mathematics, and the humanities. And since there can be no way of circumscribing the conceptual confusions which may distort human thinking or of predicting in advance fresh sources of conceptual entanglement which may emerge from a culture, there will be no end to the need for philosophical criticism.*

*However, despite his own pronouncements, Wittgenstein's philosophy also has a complementary constructive aspect to it, which he himself acknowledged. Side by side with his demolition of philosophical illusion in logic, mathematics and philosophy of psychology, he gives us numerous overviews of the logical grammar of problematic concepts, painstakingly tracing conceptual connections which we are all too prone to overlook. The conceptual geology of the *Tractatus* gave way to the conceptual topography of the *Investigations*.*

em um primeiro momento parecia uma grande ameaça de que ficássemos sem chão passa a se configurar como um terreno talvez mais amigável, que se molda aos nossos pés; e assim notamos quão pouco razoáveis eram nossas enfáticas investidas para promover encaixes que um olhar menos carregado de compromissos metafísicos veria facilmente como não naturais.

Nesse espírito, outro convite feito pelo filósofo vienense parece começar a fazer mais sentido: “Não pense, mas veja!”, diz ele no §66 das *Investigações*. Propõe, com isso, que busquemos observar as palavras como elas são empregadas na nossa vida cotidiana, e assim permitir que aflore a resistência que as palavras, vistas como elas são nos nossos usos mais comuns, manifestam quando forçadas em moldes rígidos, pouco adequados às suas formas flexíveis.

Ao pensarmos em encaixes, é oportuno que me reporte ao §182 das *Investigações*, em que Wittgenstein se dedica a uma breve análise da gramática de termos como “ajustar-se”, “poder” e “compreender”:

§182. [...] Tarefas: 1) Quando se diz que um cilindro C ajusta-se a um cilindro oco C1? Somente quando C está enfiado em C1? 2) Às vezes se diz que C deixou de se ajustar a C1 em um dado momento. Que critérios são empregados em tal caso para determinar que isso se deu nesse momento? [...] Os critérios que aceitamos para “o ajustar-se”, “o poder” e “o compreender” são muito mais complicados do que poderia parecer à primeira vista. Isto é, neste jogo de palavras, seu emprego nas relações linguísticas das quais são meios é mais complicado — o papel dessas palavras na nossa linguagem é diferente daquele que seríamos tentados a crer.

(Esse papel é o que devemos compreender a fim de resolver paradoxos filosóficos. **E, por isso, uma definição geral não é suficiente; menos ainda a constatação de que uma palavra seja “indefinível”.**)<sup>12</sup> [grifo meu]

A passagem citada exemplifica a insuficiência de definições generalizantes, fazendo, contudo, a ressalva de que a ausência destas não implica a inexistência de critérios (reconhecíveis e regulados) para o delineamento de identidades.

<sup>12</sup> §182 Aufgaben: 1) Wann sagt man, ein Zylinder Z passe in einen Hohlzylinder H? Nur solange Z in H steckt? 2) Man sagt manchmal: Z hat um die und die Zeit aufgehört, in H zu passen. Welche Kriterien verwendet man in so einem Fall dafür, daß es um diese Zeit geschah? (...) Die Kriterien, die wir für das ›Passen‹, ›Können‹, ›Verstehen‹ gelten lassen, sind viel kompliziertere, als es auf den ersten Blick scheinen möchte. D.h., das Spiel mit diesen Worten, ihre Verwendung im sprachlichen Verkehr, dessen Mittel sie sind, ist verwickelter - die Rolle dieser Wörter in unsrer Sprache eine andere, als wir versucht sind, zu glauben. (Diese Rolle ist es, die wir verstehen müssen, um philosophische Paradoxe aufzulösen. Und darum genügt dazu gewöhnlich nicht eine Definition; und schon erst recht nicht die Feststellung, ein Wort sei ›undefinierbar‹.)

Ao lançar-se o desafio de abordar o tema da identidade dos nomes próprios em particular, e dos termos metalinguísticos em geral, esta tese se depara mais frontalmente com o embaraço que anunciara de início, a partir do raciocínio apresentado a seguir.

De acordo com o pensamento radicalmente pragmático encontrado nos escritos wittgensteinianos, todas as nossas partições identitárias — ontológicas, epistemológicas, psicológicas, morais, estéticas etc. — são entretecidas de modo inextricável das nossas práticas histórico-culturais linguisticamente investidas. O mesmo se aplica às nossas partições metalinguísticas — para a identidade de coisas como *vogais*, *adjetivos*, *metáforas*, *nomes comuns*, *nomes próprios*, e assim por diante. Aceitar alguns dos convites wittgensteinianos é em parte aceitar que identidades têm uma estabilidade volátil, e que esta volatilidade é proporcional a variações de uso que cotidianamente são aceitas sem maiores questionamentos. Tais questionamentos, se repararmos bem, só surgem quando, em vez de vermos, pensamos, contrariando assim a sugestão dada por Wittgenstein no §66 das *Investigações*.

§116. Quando os filósofos usam uma palavra — “saber”, “ser”, “objeto”, “eu”, “proposição”, “nome” — e procuram apreender a essência da coisa, deve-se sempre perguntar: essa palavra é usada de fato desse modo na língua em que ela existe? — Nós reconduzimos as palavras do seu emprego metafísico para seu emprego cotidiano.<sup>13</sup> (Wittgenstein, *IF*).

Compreender a máxima mais famosa deste filósofo — “o significado está no uso” — é, portanto, encarar o fenômeno da significação linguística como uma “forma de vida”. Não é improvável que alguém questione a tal estabilidade volátil. No §241 das *IF*, temos um suposto diálogo entre um interlocutor e o filósofo:

§241. Assim, pois, você diz que o acordo entre os homens decide o que é verdadeiro e o que é falso? — Verdadeiro e falso é o que os homens dizem; na linguagem os homens estão de acordo. **Não é um acordo sobre as opiniões, mas sobre formas de vida.**<sup>14</sup> [grifo meu]

<sup>13</sup> §116 *Wenn die Philosophen ein Wort gebrauchen — »Wissen«, »Sein«, »Gegenstand«, »Ich«, »Satz«, »Name« — und das Wesen des Dings zu erfassen trachten, muß man sich immer fragen: Wird denn dieses Wort in der Sprache, in der es seine Heimat hat, je tatsächlich so gebraucht? — Wir führen die Wörter von ihrer metaphysischen, wieder auf ihre alltägliche Verwendung zurück.*

<sup>14</sup> §241 *»So sagst du also, daß die Übereinstimmung der Menschen entscheide, was richtig und was falsch ist?« — Richtig und falsch ist, was Menschen sagen; und in der Sprache stimmen die Menschen überein. Dies ist keine Übereinstimmung der Meinungen, sondern der Lebensform.*

Experimentar a radicalidade do pensamento wittgensteiniano, ainda que nos aponte para as libertações comentadas anteriormente, nos faz ocupar uma posição nada trivial, uma vez que ele nos faz reagir a comportamentos tão profundamente arraigados nas nossas práticas ocidentais e, principalmente, no nosso vocabulário.

No caso específico dos termos metalinguísticos, as características libertadoras que comentei, quando do movimento de recondução das nossas palavras ao seu emprego cotidiano, ficam bem menos visíveis. Isso ocorre em parte porque, quando deixamos de entender a linguagem como um sistema dotado de autonomia ontológica e passamos a encará-la como um conjunto heterogêneo e irreduzível de práticas, temos, conseqüentemente, de reconhecer que toda metalinguagem é, de um modo ou de outro, também uma forma histórica de reduzir a heterogeneidade da linguagem.

É preciso ter em vista, ainda, que a linguagem é uma prática determinada por sua própria imagem. Nas palavras de Taylor (2003, p.1 e 5):

O termo “reflexividade linguística” se refere ao uso da linguagem para falar, escrever, ou indicar a respeito da linguagem, bem como às ferramentas implementadas nesse uso.

[...]

Minha tese, reitero, é a de que a linguagem humana é essencialmente reflexiva – e que se quisermos explicar as propriedades mais fundamentais da linguagem precisamos compreender melhor seu caráter reflexivo.<sup>15</sup>

E esta imagem não é universal; é histórica e culturalmente determinada, como atesta Auroux (1992, p.14) e exemplificam os casos que comento em seguida.

Que todo saber seja um produto histórico significa que ele resulta a cada instante de uma interação das tradições e do contexto. Não há nenhuma razão para que saberes situados diferentemente no espaço-tempo sejam organizados do mesmo modo, selecionem os mesmos fenômenos ou os mesmos traços dos fenômenos, assim como línguas diferentes, inseridas em práticas sociais diferentes, não são os mesmos fenômenos.

<sup>15</sup> *The term “linguistic reflexivity” refers to the use of language to talk, write, or sign about language, as well as to the tools implemented in that use.*

[...]

*My thesis, again, is that human language is essentially reflexive — and that if we want to explain language’s most fundamental properties, we need to have a better understanding of its reflexive character.*

Os exemplos disso são os mais variados. Podemos pensar nos Maias Tzetal, que classificam as palavras em categorias do tipo “para usar de dia”, “para usar à noite”, “ditas do ano passado”; ou ainda no povo Dogon, que acredita que as palavras trocadas entre o homem e a mulher antes do ato sexual contribuem literalmente, em conjunto com o esperma, para a produção do feto ou do sangue da menstruação — considerando assim que palavras são “coisas entre as coisas”.

O antropólogo Eduardo Viveiros de Castro (2002, p.378-9) reflete a respeito dos povos ameríndios, para quem “todos os seres vêm (“representam”) o mundo da *mesma* maneira — o que muda é o *mundo* que eles vêm”. Destaca Martins (2009b, p.148):

Aprendemos com Castro que não encontra lugar na vida ameríndia a pressuposição mais central de nosso multiculturalismo: enquanto assumimos a unidade da natureza em contraste com a multiplicidade das culturas, muitos dos povos do continente americano pressuporiam, ao contrário, a universalidade da cultura em contraste com a multiplicidade e a particularidade da natureza.

A observação desses exemplos nos permite, por contraste, reconhecer a nossa própria situação, seus embaraços e suas possibilidades.

Ora, o fato é que o vocabulário metalinguístico é fortemente ligado à tradição filosófica de inclinação representacionista que Wittgenstein tanto critica. Tal conexão, tão forte, certamente reduz nossas possibilidades de reconhecer o que conta como um nome próprio sem que recaiamos em crenças representacionistas (ou sem que utilizemos palavras que evidenciem essas crenças). Será que o que chamamos hoje de nome próprio não deve sua identidade justamente ao peso histórico dessa tradição?

Certamente, ao entendermos o peso de fatores histórico-culturais na formação de nossas identidades, traços do sucesso dessa compreensão tradicional serão verificados naquilo que chamamos de nome próprio. No entanto, isso será tão verdadeiro quanto forem tais traços identificáveis nos usos que fazemos do termo “nomes próprios” nas nossas reguladas, mas sempre voláteis e descontínuas, práticas mundanas.

Trata-se de uma proposição como a enunciada por Wittgenstein em *Da certeza* (§328): “*I know it as I know that my name is L.W.*” E ainda (§515): “*If my name is not L.W., how can I rely on what is meant by ‘true’ and ‘false’?*”.

O já citado §116 das *Investigações* insinua exemplarmente que a crença de que o “significado está no uso” deve se aplicar indistintamente a termos metalinguísticos e não metalinguísticos — “Nós conduzimos as palavras do seu emprego metafísico para o seu emprego cotidiano”.

Comentadores e estudiosos dos escritos maduros de Wittgenstein que também se dedicaram a estudar ali a questão dos nomes próprios conseguiram demonstrar (com eficiência que não pretendo aqui questionar) que o filósofo, ao sublinhar a heterogeneidade das situações e empregos cotidianos e mostrar que até nesse caso o significado está no uso, desfaz certas teses filosóficas ambiciosas, com as de Mill, Russell e outros (alguns dos quais citados no capítulo 2 desta tese), que insistiram em imputar aos nomes próprios uma identidade fixa, tendo tais termos uma vocação única.

Qual é a alternativa de Wittgenstein para a visão referencial dos nomes próprios? Sua resposta, basicamente, é que nosso uso dos nomes próprios é governado por um conjunto maleável de descrições, e que assim como uma expressão descritiva pode ter significado ainda que não se aplique a objeto algum, também um nome próprio pode ter significado mesmo sem estar atribuído a um portador. O traço distintivo dessa visão, que a diferencia de outras similares encontradas nos escritos de Frege e Russell, é o de que o conjunto de descrições pode formar uma amálgama volátil, dinâmica, e assim não ter um sentido definido ou determinado.

Todos esses aspectos da “significação” dos nomes próprios foram seguidamente ignorados pelos filósofos. Observar os nomes próprios do ponto de vista dos critérios de entendimento pode remediar essa falta. Pode nos levar a perceber o quanto os nomes próprios diferem de signos arbitrários ou números indicativos.<sup>16</sup>

Ao me lançar neste vespeiro, surge, é claro, o receio de que, ao opor o uso cotidiano ao uso metafísico sem problematizar essa oposição no caso dos termos metalinguísticos, eu recaia no mesmo caminho que critiquei, que acabe por aplinar o solo áspero que Wittgenstein nos convidou a pisar. Para evitar isso, destaco que a minha leitura difere das que vim comentando por enfatizar que o pensamento wittgensteiniano em torno dos nomes próprios não sublinha apenas a multiplicidade e a volatilidade de seus empregos, mas também a sua historicidade e o seu próprio conservadorismo.

<sup>16</sup> *What is Wittgenstein's alternative to the referential account of proper names? His answer, roughly, is that our use of proper names is governed by a loose set of descriptions, and just as a descriptive expression can be meaningful even though nothing falls under it, so too a proper name can be meaningful even if it lacks a bearer. The distinctive feature of this account, which sets it apart from similar views found in the writings of Frege and Russell, is that the set of descriptions can form a loose, shifting cluster and thus lack a definite or determinate sense.*

*All these aspects of “significance” of proper names have been ignored by philosophers. Looking at names from the viewpoint of criteria of understanding can remedy this defect. It might lead us to appreciate how different proper names are from arbitrary signs or index numbers.*

Já reconheci aqui que não é nada simples o caminho daquele que tenta experimentar o pensamento wittgensteiniano naquilo que ele tem de mais radical. No entanto, vale lembrar que uma forma de contornar a questão da convivência da volatilidade das identidades com a historicidade e o conservadorismo identificados pelo filósofo na linguagem é justamente enfatizar e perturbar, esvaziar as nossas expectativas representacionistas. E é por meio de um jogo que parece a todo tempo instigar um vai e vem entre a confirmação dessas expectativas e a sua seguida frustração, que a filosofia do segundo Wittgenstein parece indicar não só um caminho para a pergunta que guia este trabalho como também um modo de reconhecermos a nós mesmos no embaraço deste jogo — em lugar de tentar insistir em nos indicar uma solução, uma rota de fuga. Em vez de uma saída, encontramos aqui aparato que nos permita modificar nossas formas de estar na linguagem e na língua.

### 3.2. O que os nomes próprios fazem?

Começemos por destacar o modo como Wittgenstein desestabiliza a visada representacionista no que tange aos nomes próprios, em benefício de um ângulo radicalmente pragmático. Não busco aqui, claro, uma (nova) definição dos nomes próprios, mas sim reconhecer aspectos de sua identidade e, mais que isso, investigar de que modo uma identidade, digamos, “wittgensteiniana” do nome próprio poderia de fato escapar ao viés representacionista tão disseminado em nossas práticas metalinguísticas.

Na célebre *visão agostiniana da linguagem* contra a qual Wittgenstein investe, a *definição ostensiva* (*IF*, §27-36) é um recurso de treinamento linguístico. A nomeação de um objeto se daria por meio de um treinamento constituído da emissão de uma sequência fônica (o nome do objeto) e de um gesto de apontamento para o objeto (representado por aquele nome). Deste modo uma criança aprenderia o *significado* de um nome.

Na passagem a seguir, vemos o questionamento feito por Wittgenstein (*IF*, §28) a este modelo de treinamento e à possibilidade de se indicar, ostensivamente, a significação de um numeral.

§28. Pode-se, pois, definir um nome próprio, uma palavra para cor, um nome de matéria, uma palavra para número, o nome de um ponto cardeal etc.,

ostensivamente. A definição do número dois “isto se chama ‘dois’” — enquanto se mostram duas nozes — é perfeitamente exata. — Mas, como se pode definir o dois assim? Aquele a que se dá a definição não sabe então o que se quer chamar com “dois”; suporá que você chama de “dois” este grupo de nozes! — Pode supor tal coisa; talvez não o suponha. Poderia também, inversamente, se eu quiser atribuir a esse grupo de nozes um nome, confundi-lo com um nome de cor, uma designação de raça, até com o nome de um ponto cardeal. Isto é, a definição ostensiva pode ser interpretada em cada caso como tal e diferentemente.<sup>17</sup>

Mais adiante explorarei mais detidamente o que é apresentado na citação anterior a respeito do nome próprio. Por ora, basta-me apontar o tipo de questionamento posto em cena e, mais que isso, o fato de que não é mesmo trivializada a relação entre palavra e coisa.

O que Wittgenstein põe em questão é, portanto, a natureza da associação que se estabelece entre uma coisa e um nome a partir do treinamento ostensivo. De acordo com a visão agostiniana de linguagem, a compreensão de uma expressão linguística se resumiria ao aprendizado de que objeto cada palavra nomeia. Nas palavras de Wittgenstein (*IF*, §6):

§6. Mas se isso efetiva o ensino ostensivo, — devo dizer que efetiva a compreensão da palavra? Não compreende a ordem “lajota!” aquele que age de acordo com ela? Isto ajudou certamente a produzir o ensino ostensivo; mas na verdade apenas junto com uma lição determinada. Com uma outra lição, o mesmo ensino ostensivo dessas palavras teria efetivado uma compreensão completamente diferente.

“Ligando a barra com a alavanca, faço funcionar o freio.” — Sim, dado todo o mecanismo restante. Apenas com este, é alavanca de freio; e, separado do seu apoio, nunca é alavanca, mas pode ser qualquer coisa ou nada.<sup>18</sup>

Em oposição a boa parte desta compreensão tradicional do fenômeno linguístico, o filósofo nos apresenta o já citado conceito de *forma de vida*,

<sup>17</sup> §28 Man kann nun einen Personennamen, ein Farbwort, einen Stoffnamen, ein Zahlwort, den Namen einer Himmelsrichtung, etc. hinweisend definieren. Die Definition der Zahl Zwei »Das heißt ›zwei‹ « - wobei man auf zwei Nüsse zeigt - ist vollkommen exakt. - Aber wie kann man denn die Zwei so definieren? Der, dem man die Definition gibt, weiß ja dann nicht, was man mit »zwei« benennen will; er wird annehmen, daß du diese Gruppe von Nüssen »zwei« nennst! - Er kann dies annehmen; vielleicht nimmt er es aber nicht an. Er könnte ja auch, umgekehrt, wenn ich dieser Gruppe von Nüssen einen Namen beilegen will, ihn als Zahlnamen mißverstehen. Und ebensogut, wenn ich einen Personennamen hinweisend erkläre, diesen als Farbnamen, als Bezeichnung der Rasse, ja als Namen einer Himmelsrichtung auffassen. Das heißt, die hinweisende Definition kann in jedem Fall so und anders gedeutet werden.

<sup>18</sup> §6 Wenn aber das das hinweisende Lehren bewirkt, - soll ich sagen, es bewirkt das Verstehen des Worts? Versteht nicht der den Ruf »Platte!«, der so und so nach ihm handelt? - Aber dies half wohl das hinweisende Lehren herbeiführen; aber doch nur zusammen mit einem bestimmten Unterricht. Mit einem anderen Unterricht hätte dasselbe hinweisende Lehren dieser Wörter ein ganz anderes Verständnis bewirkt.

»Indem ich die Stange mit dem Hebel verbinde, setze ich die Bremse instand.« - Ja, gegeben den ganzen übrigen Mechanismus. Nur mit diesem ist er der Bremshebel; und losgelöst von seiner Unterstützung ist er nicht einmal Hebel, sondern kann alles Mögliche sein, oder nichts.

expressão que, na filosofia wittgensteiniana “ênfatiza [...] o entrelaçamento entre cultura, visão de mundo e linguagem” (Glock, 1998, p.173-4). E é isto que já vemos muito claramente no §6 — seção que antecede a introdução do talvez mais famoso dos conceitos wittgensteinianos, o de *jogos de linguagem*, que, assim como o de *forma de vida*, pretende destacar a impossibilidade de dissociação entre o significado de uma palavra e o modo como a utilizamos cotidianamente, em cada jogo de que participamos.

Notemos que, se adotamos o método do ensinamento ostensivo, podemos ser levados a crer que uma pessoa teria aprendido o significado de uma palavra quando passasse a identificar um mesmo objeto a cada vez em que uma mesma sequência fônica fosse proferida. No entanto, o que entendemos como “identificar um mesmo objeto”? Pegá-lo com a mão direita sempre que aquele nome for pronunciado? Correr em torno dele sempre que ouvir aquela mesma palavra? De que modo qualquer uma destas atitudes corresponderia à aquisição do significado de tal palavra?

Wittgenstein põe em questão o conceito de *explicação* contido no contexto descrito, trazendo também para o centro do debate o conceito de *treinamento*. Para ele o uso das palavras “lajotas”, “colunas”, “vigas” e “cubos” na célebre linguagem dos construtores descrita no §2 das *Investigações* não se dá de forma dissociada das práticas cotidianas daquele determinado grupo.

Wittgenstein não esvazia a importância do treinamento que se dá por meio do ensino ostensivo das palavras. É fato que “esse ensino ostensivo das palavras, pode-se dizer, estabelece uma ligação entre palavra e coisa”<sup>19</sup> (*IF*, §6). No entanto, o que está em questão é o salto dado de forma um tanto automática ao imaginarmos que tal conexão significa que, ao ouvir uma sequência fônica, a imagem do objeto nomeado pela dita sequência se ilumina no espírito do ouvinte e, a partir daí, pode-se dizer que tal pessoa compreende a dita expressão. Vemos, pois, nesta preocupação com relação à visão agostiniana de linguagem, um apanhado de temas complexos, tais como o significado das palavras; a distinção entre palavra e sentença; a diversidade de tipos de palavras; os variados modos de explicar o significado de uma palavra; a natureza da compreensão e a relação entre o significado de uma expressão e o critério para que esta seja compreendida (cf. Baker & Hacker, 1984, p. 30).

---

<sup>19</sup> *Dieses hinweisende Lehren der Wörter, kann man sagen, schlägt eine assoziative Verbindung zwischen dem Wort und dem Ding.*

No caso específico da linguagem no §2<sup>20</sup> das *Investigações*, vemos claramente que a finalidade do jogo ali praticado não é a evocação de imagens no espírito do operário que recebe a ordem. Antes, verifica-se que quem recebe a ordem a compreendeu a partir do momento em que executa a tarefa esperada com base no treinamento que lhe fora oferecido. A mesma “lajota” poderia ter evocado esta ou (quase) qualquer outra reação tivesse sido associada, no treinamento, a outro mecanismo.

O mais importante do que foi dito até aqui é uma oposição entre, de um lado, uma crença na existência de uma conexão fixa e estável entre uma palavra e a sua essência e, de outro, a indicação de que o significado de uma palavra é algo absolutamente entretido com as nossas práticas, não podendo haver portanto uma definição única e definitiva que independa dos usos que fazemos cotidianamente de tal termo. O famoso §23 das *Investigações* promove uma esclarecedora reflexão a este respeito:

§23. Quantas espécies de frases existem? Afirmação, pergunta e comando, talvez? – Há inúmeras de tais espécies: inúmeras espécies diferentes de emprego daquilo que chamamos de “signo”, “palavras”, “frases”. E essa pluralidade não é nada fixo, um dado para sempre; mas novos tipos de linguagem, novos jogos de linguagem, como poderíamos dizer, nascem e outros envelhecem e são esquecidos. (Uma imagem aproximada disto pode nos dar as modificações da matemática.)

O termo “jogo de linguagem” deve aqui salientar que o falar da linguagem é uma parte de uma atividade ou de uma forma de vida. Imagine a multiplicidade dos jogos de linguagem por meio destes exemplos e outros:

- Comandar, e agir segundo comandos –
- Descrever um objeto conforme a aparência ou conforme medidas –
- Produzir um objeto segundo uma descrição (desenho) –
- Relatar um acontecimento –
- Conjeturar sobre o acontecimento –
- Expor uma hipótese e prová-la –
- Apresentar os resultados de um experimento por meio de tabelas e diagramas –
- Inventar uma história; ler –
- Representar teatro –
- Cantar uma cantiga de roda –
- Resolver enigmas –
- Fazer uma anedota; contar –
- Resolver um exemplo de cálculo aplicado –
- Traduzir de uma língua para outra –

<sup>20</sup> §2. Aquele conceito filosófico da significação cabe bem numa representação primitiva da maneira pela qual a linguagem funciona. Mas, pode-se também dizer, é a representação de uma linguagem mais primitiva que a nossa.

Pensemos numa linguagem para a qual a descrição dada por Santo Agostinho seja correta: a linguagem deve servir para o entendimento de um construtor A com um ajudante B. A executa a construção de um edifício com pedras apropriadas; estão à mão cubos, colunas, lajotas e vigas. B passa-lhe as pedras, e na sequência em que A precisa delas. Para esta finalidade, servem-se de uma linguagem constituída das palavras “cubos”, “colunas”, “lajotas”, “vigas”. A grita essas palavras; — B traz as pedras que aprendeu a trazer ao ouvir este chamado. — Conceba isso como uma linguagem totalmente primitiva.

Pedir, agradecer, maldizer, saudar, orar.

– É interessante comparar a multiplicidade das ferramentas da linguagem e seus modos de emprego, a multiplicidade das espécies de palavras e frases com aquilo que os lógicos disseram sobre a estrutura da linguagem. (E também o autor do *Tractatus Logico-philosophicus*.)<sup>21</sup>

As imagens que Wittgenstein nos convida a ver com estas palavras foram comentadas por Stanley Cavell (1979), também profundo conhecedor do pensamento daquele filósofo:

Há mais de uma “imagem” que Wittgenstein deseja desenvolver: uma delas diz respeito à idéia de que todas as palavras são nomes; uma segunda diz respeito à idéia de que aprender um nome (ou qualquer palavra) consiste em ser informado de seu significado; uma terceira é a idéia de que aprender uma linguagem seja questão de aprender (novas) palavras. A primeira dessas idéias, e a crítica de Wittgenstein à mesma, receberam, me parece, mais atenção que as outras duas, que são as que nos interessam aqui. (As idéias são obviamente relacionadas umas às outras, e posso dizer que acredito que as duas últimas dão uma noção mais clara do que Wittgenstein vê de “errado” na primeira. Não se trata apenas, como creio que geralmente se encara, de que “a linguagem tem muitas funções” para além de nomear coisas; mas também de que as maneiras como os filósofos encaram o nomear tornam incompreensível como a linguagem poderia exercer até mesmo essa função).<sup>22</sup>

<sup>21</sup> §23 *Wieviele Arten der Sätze gibt es aber? Etwa Behauptung, Frage und Befehl? - Es gibt unzählige solcher Arten: unzählige verschiedene Arten der Verwendung alles dessen, was wir »Zeichen«, »Worte«, »Sätze«, nennen. Und diese Mannigfaltigkeit ist nichts Festes, ein für allemal Gegebenes; sondern neue Typen der Sprache, neue Sprachspiele, wie wir sagen können, entstehen und andre veralten und werden vergessen. (Einungefähres Bild davon können uns die Wandlungen der Mathematik geben.)*

*Das Wort »Sprachspiel« soll hier hervorheben, daß das Sprechen der Sprache ein Teil ist einer Tätigkeit, oder einer Lebensform. Führe dir die Mannigfaltigkeit der Sprachspiele an diesen Beispielen, und anderen, vor Augen:*

- Befehlen, und nach Befehlen handeln -
- Beschreiben eines Gegenstands nach dem Ansehen, oder nach Messungen -
- Herstellen eines Gegenstands nach einer Beschreibung (Zeichnung) -
- Berichten eines Hergangs -
- Über den Hergang Vermutungen anstellen -
- Eine Hypothese aufstellen und prüfen -
- Darstellen der Ergebnisse eines Experiments durch Tabellen und Diagramme -
- Eine Geschichte erfinden; und lesen -
- Theater spielen -
- Reigen singen -
- Rätsel raten -
- Einen Witz machen; erzählen -
- Ein angewandtes Rechenexempel lösen -
- Aus einer Sprache in die andere übersetzen -
- Bitten, Danken, Fluchen, Grüßen, Beten.

*-Es ist interessant, die Mannigfaltigkeit der Werkzeuge der Sprache und ihrer Verwendungsweisen, die Mannigfaltigkeit der Wort- und Satzarten, mit dem zu vergleichen, was Logiker über den Bau der Sprache gesagt haben. (Und auch der Verfasser der Logisch-Philosophischen Abhandlung.)*

<sup>22</sup> *There is more than one “picture” Wittgenstein wishes to develop: one of them concerns the idea that all words are names, a second concerns the idea that learning a name (or any word) is being told what it means, a third is the idea that learning a language is a matter of learning (new) words. The first of these ideas, and Wittgenstein’s criticism of it, has, I believe, received wider attention than the other two, which are the ones which concern us here. (The ideas are obviously related to one another, and I may say that I find the second two to give the best sense of what Wittgenstein finds “wrong” with the first. It isn’t as I think it is usually taken, merely that “language has many*

Entendido isso, posso dar um passo adiante: se deixarmos de acreditar na existência de uma essência que por sua vez é representada por um nome, como fica o caso específico dos nomes próprios — categoria que parece, como disse, simbolizar ao máximo a conexão entre uma palavra e o ser por ela representado? Mais que isso, se a tradição ocidental é predominantemente consoante com a referida *visão agostiniana da linguagem*, de que maneira a identidade dos nomes próprios resultante das práticas desta nossa sociedade (ocidental) poderia se afastar da convicção de que “um nome próprio é aquele que representa aquela pessoa” para se aproximar de uma formulação mais ao gosto wittgensteiniano: “nome próprio é aquilo que chamamos de nome próprio”?

Para seguir nesta que é a questão que mais me interessa, vale lembrar de outro conceito fundamental para a compreensão do deslocamento proposto por Wittgenstein com relação ao entendimento da significação linguística: a noção de critério. A este respeito, as palavras de Cavell (1979, p.177-8) merecem destaque:

Ao “aprendermos uma língua” não aprendemos apenas quais são os nomes das coisas; mas o que é um nome; não apenas a forma para expressar um desejo, mas o que é expressar um desejo; não apenas qual é a palavra para “pai”, mas o que é um pai; não apenas a palavra para “amor”, mas o que é o amor.<sup>23</sup> Ao aprendermos uma língua, não aprendemos somente a pronúncia dos sons ou sua ordem gramatical, mas as “formas de vida” que fazem desses sons as palavras que são, que fazem com que realizem os feitos que realizam — nomear, chamar, apontar, expressar desejo ou afeição, indicar uma escolha, uma recusa etc. E Wittgenstein vê as relações entre essas formas também como gramaticais.<sup>24</sup>

Ao nos depararmos com a formulação feita no parágrafo anterior — “nome próprio é aquilo que chamamos de nome próprio” — seria possível que alguém acreditasse estar diante de uma proposta anárquica quanto à significação linguística. E a filosofia aqui em análise está bem distante disso. Mais uma vez, a referida formulação pretende reforçar a ideia de que a

---

*functions” besides naming things; it is also the ways philosophers account for naming makes it incomprehensible how language can so much as perform that function).*

<sup>23</sup> Em Da certeza, §543, Wittgenstein trata desta questão: “A child can use the names of people long before He can say in any form whatever: ‘I know this one’s name; I don’t know that one’s yet.’”

<sup>24</sup> [...] In learning language you learn not merely what the names of things are, but what a name is; not merely what the form of expression is for expressing a wish, but what expressing a wish is; not merely what the word for father is, but what a father is; not merely what the word love is, but what love is. In learning language, you do not merely learn the pronunciation of sounds and their grammatical orders, but the forms of life which make those sounds they are, do what they do — e.g., name, call, point, express a wish or affection, indicate a choice or an aversion etc. And Wittgenstein sees the relations among these forms as grammatical also. [Tradução de Helena Martins, 2000, p.31].

identidade de algo é absolutamente interligada aos usos que fazemos desta tal coisa, e que, separada deles, pode ter o mesmo significado, qualquer outro ou mesmo nenhum — e jamais saberíamos dizer o que lhe acontece longe do uso porque tal visão de sobrevoos, de independência em relação à linguagem, não nos é franqueada. Vejamos o esclarecimento que S. Mulhall (1996, p.5) nos fornece acerca do *critério* wittgensteiniano:

O que são critérios? São especificações linguísticas em termos de quais falantes competentes julgam se algo se enquadra em um conceito específico; por conseguinte ligam os seres humanos entre si e os alinham com o mundo. Contudo critérios não simplesmente controlam a maneira de que falamos dos objetos: eles também determinam a sua natureza essencial. [...] e já que os critérios determinam o que é algo ser água, um carro, uma cadeira e assim por diante — **já que a essência é expressa pela gramática** de acordo com Wittgenstein — uma investigação gramatical pode-nos dizer tanto sobre o mundo quanto sobre a linguagem.<sup>25</sup> [grifo meu]

A passagem acima, congruente com o que diz Garver, em seu *This complicated form of life — essays on Wittgenstein*, destaca a conexão entre os conceitos de *critério* e *gramática*. Vemos, no *Livro azul* (1992, p.56), trecho que também reforça este diálogo:

É parte da gramática da palavra “cadeira” que isto é o que chamamos “sentar-se numa cadeira”, e é parte da gramática da palavra “sentido” que isto é o que chamamos “explicação de um sentido”; da mesma maneira que explicar o meu critério do que é uma dor de dentes de outra pessoa consiste em dar uma explicação gramatical sobre a expressão “dor de dentes” e, neste sentido, uma explicação respeitante ao sentido da expressão “dor de dentes”.<sup>26</sup>

Lembremo-nos do fim do §6 das *Investigações*: “Ligando a barra com a alavanca, faço funcionar o freio.” — Sim, dado todo o mecanismo restante. Apenas com este, é alavanca de freio; e, separado do seu apoio, nunca é

<sup>25</sup> *What are criteria? They are the linguistic specifications in terms of which competent speakers judge whether something falls under a specific concept; they therefore link human beings with one another and align them with the world. But criteria do not simply control the way we talk about objects: they also determine their essential nature. [...] and since criteria determine what it is for something to be water, a boat, a chair and so on — since essence is expressed by grammar as Wittgenstein has it — a grammatical investigation can tell us as much about the world as it does about language.*

<sup>26</sup> *It is part of the grammar of the word “chair” that this is what we call “to sit on a chair”, and it is part of the grammar of the word “meaning” that this is what we call “explanation of a meaning”; in the same way, to explain my criterion for another person’s having toothache is to give a grammatical explanation about the word “toothache” and, in this sense, an explanation concerning the meaning of the word “toothache” (Wittgenstein, 1969, p.24).*

alavanca, mas pode ser qualquer coisa ou nada.<sup>27</sup> Tal imagem, assim como a noção de critério, nos abre o caminho para a reflexão sobre o caso específico dos nomes próprios.

Nos §§39 e 40, Wittgenstein vai diretamente a um ponto que muito me interessa — para os nomes em geral e também para os próprios.

§39. Mas como se chega à idéia de querer fazer justamente dessa palavra um nome, quando evidentemente não é nome algum? Exatamente pelo seguinte. Porque se é tentado a fazer uma objeção contra aquilo que costumeiramente se chama “nome”; esta pode ser assim expressa: o nome deve designar propriamente o simples. E se poderia fundamentar isto mais ou menos assim: o nome próprio em sentido comum é, por exemplo, a palavra “Nothung”\*. A espada Nothung consiste de partes numa combinação determinada. Se estiverem combinadas de modo diferente, não existe “Nothung”. Ora, mas a frase “Nothung tem um corte afiado” tem sentido, se Nothung estiver ainda inteira ou já estiver despedaçada. Mas se “Nothung” é o nome de um objeto, então não há mais este objeto, se Nothung está despedaçada; e porque ao nome não corresponderia nenhum objeto, então não teria nenhuma significação. Mas se estivesse na frase “Nothung tem um corte afiado” uma palavra que não tem nenhuma significação, a frase seria por isso um absurdo. Ora, ela tem sentido; portanto algo deve sempre corresponder às palavras das quais ela consiste. Portanto, a palavra Nothung deve desaparecer pela análise do sentido, e em vez dessa, devem surgir palavras que denominem o simples. Chamaremos essas palavras justamente de nomes propriamente ditos.

\*Nothung, nome da espada de Siegrid, célebre personagem da mitologia alemã da Idade Média (N. do T.)<sup>28</sup>

§40. Permita-nos falar primeiramente sobre o ponto desta argumentação: a palavra não tem significação quando nada lhe corresponde. — É importante constatar que a palavra “significação” é usada incorretamente, quando se designa com ela a coisa que “corresponde” à palavra. Isto é, confunde-se significação de um nome com o *portador* do nome. Se o Sr. N. N. morre, diz-se que morre o portador do nome, e não que morre a significação do nome. E seria absurdo falar assim, pois se o nome deixasse de ter significação, não haveria nenhum sentido em dizer: “O sr. N. N. morreu”.<sup>29</sup>

<sup>27</sup> »Indem ich die Stange mit dem Hebel verbinde, setze ich die Bremse instand.« - Ja, gegeben den ganzen übrigen Mechanismus. Nur mit diesem ist er der Bremshebel; und losgelöst von seiner Unterstützung ist er nicht einmal Hebel, sondern kann alles Mögliche sein, oder nichts.

<sup>28</sup> §39 Aber warum kommt man auf die Idee, gerade dieses Wort zum Namen machen zu wollen, wo es offenbar kein Name ist? - Gerade darum. Denn man ist versucht, gegen das, was gewöhnlich »Name« heißt, einen Einwand zu machen; und den kann man so ausdrücken: daß der Name eigentlich Einfaches bezeichnen soll. Und man könnte dies etwa so begründen: Ein Eigenname im gewöhnlichen Sinn ist etwa das Wort »Nothung«. Das Schwert Nothung besteht aus Teilen in einer bestimmten Zusammensetzung. Sind sie anders zusammengesetzt, so existiert Nothung nicht. Nun hat aber offenbar der Satz »Nothung hat eine scharfe Schneide« Sinn, ob Nothung noch ganz ist, oder schon zerschlagen. Ist aber »Nothung« der Name eines Gegenstandes, so gibt es diesen Gegenstand nicht mehr, wenn Nothung zerschlagen ist; und da dem Namen dann kein Gegenstand entspräche, so hätte er keine Bedeutung. Dann aber stünde in dem Satz »Nothung hat eine scharfe Schneide« ein Wort, das keine Bedeutung hat, und daher wäre der Satz Unsinn. Nun hat er aber Sinn; also muß den Wörtern, aus denen er besteht, immer etwas entsprechen. Also muß das Wort »Nothung« bei der Analyse des Sinnes verschwinden und statt seiner müssen Wörter eintreten, die Einfaches benennen. Diese Wörter werden wir billigerweise die eigentlichen Namen nennen.

<sup>29</sup> §40 Laß uns zuerst über den Punkt dieses Gedankengangs reden: daß das Wort keine Bedeutung hat, wenn ihm nichts entspricht. - Es ist wichtig, festzustellen, daß das Wort

Nestas seções, o pensador reflete sobre a afirmação, para ele equivocada, de que um nome não possui significado na ausência de algo que ele represente. O intuito do trecho parece ser o de indicar uma confusão recorrente entre “a significação de um nome” e “o portador do nome”, apontando para o fato de que o significado de um nome não é alguma entidade por ele representada; ou seja, mesmo que o objeto designado por um nome deixe de existir, tal nome pode perfeitamente seguir tendo significado — vale dizer, usos (cf. Baker & Hacker, 1984, p.97). No caso dos nomes próprios, o absurdo fica ainda mais evidente uma vez que um nome não deixa de se referir ao seu portador quando este último morre.

O argumento segue pelo §41, em que se tenta mostrar que o fato de a coisa representada por um nome deixar de existir (o objeto ser destruído ou a pessoa falecer) pode sim deslocar o significado de tal nome e um dado jogo de linguagem. No entanto, isso não se dá pela ausência do objeto e sim em função de uma reorganização de determinadas práticas até então presentes naquele jogo, como podemos observar nos §§44 e 55 das *Investigações*:

§44. Dissemos que a frase “*Nothing* tem um corte afiado” tem sentido, mesmo que *Nothing* esteja despedaçada. Ora, isto é assim, porque nesse jogo de linguagem um nome é usado também na ausência do seu portador. Mas podemos imaginar um jogo de linguagem com nomes (isto é, com signos que chamaremos certamente também de “nomes”) no qual estes são empregados apenas na presença do portador; portanto, podem ser *sempre* substituídos pelo pronome demonstrativo acompanhado do gesto indicativo.<sup>30</sup>

§55 “O que os nomes da linguagem designam deve ser indestrutível: pois deve-se poder descrever o estado no qual tudo que é destrutível está destruído. E haverá palavras nessa descrição; e o que elas correspondem não deve então estar destruído, senão as palavras não teriam significação”. Não devo cortar o galho no qual estou sentado. [...].<sup>31</sup>

---

»Bedeutung« sprachwidrig gebraucht wird, wenn man damit das Ding bezeichnet, das dem Wort ›entspricht‹. Dies heißt, die Bedeutung eines Namens verwechseln mit dem Träger des Namens. Wenn Herr N. N. stirbt, so sagt man, es sterbe der Träger des Namens, nicht, es sterbe die Bedeutung des Namens. Und es wäre unsinnig, so zu reden, denn hörte der Name auf, Bedeutung zu haben, so hätte es keinen Sinn, zu sagen »Herr N. N. ist gestorben«.

<sup>30</sup> §44. Wir sagten: der Satz »*Nothing* hat eine scharfe Schneide« habe Sinn, auch wenn *Nothing* schon zerschlagen ist. Nun, das ist so, weil in diesem Sprachspiel ein Name auch in der Abwesenheit seines Trägers gebraucht wird. Aber wir können uns ein Sprachspiel mit Namen denken (d. h. mit Zeichen, die wir gewiß auch »Namen« nennen werden), in welchem diese nur in der Anwesenheit des Trägers gebraucht werden; also immer ersetzt werden können durch das hinweisende Fürwort mit der hinweisenden Gebärde.

<sup>31</sup> §55. »Was die Namen der Sprache bezeichnen, muß unzerstörbar sein: denn man muß den Zustand beschreiben können, in dem alles, was zerstörbar ist, zerstört ist. Und in dieser Beschreibung wird es Wörter geben; und was ihnen entspricht, darf dann nicht zerstört sein, denn sonst hätten die Wörter keine Bedeutung.« Ich darf mir nicht den Ast absägen, auf welchem ich sitze.

No §79, deparamo-nos diretamente com um debate em torno dos nomes próprios, debate este que marca o pensamento contemporâneo ao divergir da teoria de Russell, que, como vimos, dizia serem os nomes próprios descrições disfarçadas (cf. Baker & Hacker, 1984, p.162). Wittgenstein nos convida a pensar no seguinte exemplo: “Moisés não existiu”, dizendo, em seguida, que tal frase “pode significar diferentes coisas”, o que inicialmente poderia ser uma afirmação perfeitamente congruente com a teoria de Russell, segundo a qual “o nome ‘Moisés’ pode ser definido por meio de diferentes descrições” (*IF*, §79). No entanto, Wittgenstein questiona:

§79. Mas se faço uma asserção sobre Moisés, estarei sempre pronto a acrescentar qualquer uma dessas descrições para “Moisés”? Direi talvez: por “Moisés” entendo o homem que fez o que a Bíblia narra de Moisés ou pelo menos que fez muito do que ela descreve. Mas quanto? Terei decidido o quanto deve se revelar falso, para que reconheça como falsa minha afirmação? Terá para mim o nome “Moisés” um determinado uso, sólido e sem equívoco em todos os casos possíveis? — Não é como se eu, por assim dizer, tivesse à mão toda uma série de suportes e que me apóio em um deles quando os outros me são retirados e vice-versa?<sup>32</sup>

O ponto até aqui discutido segue se delineando a partir de um novo exemplo: “N está morto”. De acordo com a teoria de Russell, caso uma das descrições que compõem a definição de N se revele falsa, a sentença “N está morto” passaria automaticamente a ser considerada falsa uma vez que, assim, N deixaria de ter um referente. Para Wittgenstein, tal raciocínio é absurdo, uma vez que:

§79. [...] utilizo o nome ‘N’ sem uma significação rígida. (Mas isto prejudica tão pouco o seu uso quanto o uso de uma mesa estaria prejudicado pelo fato de ela repousar sobre quatro pernas e não sobre três, e que por isso, em certos casos, trepida.)<sup>33</sup>

A crítica wittgensteiniana à ideia de que a linguagem se funda em conceitos simples se estrutura a partir da apresentação da falácia que se

<sup>32</sup> §79. *Aber wenn ich nun eine Aussage über Moses mache, - bin ich immer bereit, irgend eine dieser Beschreibungen für »Moses« zu setzen? Ich werde etwa sagen: Unter »Moses« verstehe ich den Mann, der getan hat, was die Bibel von Moses berichtet, oder doch vieles davon. Aber wievieles? Habe ich mich entschieden, wieviel sich als falsch erweisen muß, damit ich meinen Satz als falsch aufgebe? Hat also der Name »Moses« für mich einen festen und eindeutig bestimmten Gebrauch in allen möglichen Fällen? - Ist es nicht so, daß ich sozusagen eine ganze Reihe von Stützen in Bereitschaft habe und bereit bin, mich auf eine zu stützen, wenn mir die andere entzogen werden sollte, und umgekehrt?*

<sup>33</sup> §79. *Ich gebrauche den Namen »N« ohne feste Bedeutung. (Aber das tut seinem Gebrauch so wenig Eintrag, wie dem eines Tisches, daß er auf vier Beinen ruht, statt auf dreien, und daher unter Umständen wackelt.)*

apresenta ao assumirmos que apenas “conceitos simples” podem ser definidos ostensivamente. Sua argumentação segue, indicando a constante possibilidade do mal-entendido na definição ostensiva. O filósofo aponta ainda, como disse, o erro em se pensar que a definição ostensiva nos dá o “fundamento da linguagem” e que “liga a linguagem ao mundo”; tal erro estaria ligado à pressuposição de que, a partir da definição ostensiva, seria gerada uma compreensão tácita da expressão definida. Esses enganos estariam também relacionados ao confundirmos experiências que acompanham a definição ostensiva com o significado de uma expressão.

Há, portanto, uma tentativa de se elucidar o caráter ilusório dos “nomes reais”. A busca por eles estaria ligada ao seguinte raciocínio (Baker & Hacker, 1984, p.76):

De acordo com a visão agostiniana da linguagem, as definições ostensivas correlacionam nomes e objetos; um nome possui significado porque representa um objeto. Conseqüentemente, perdendo o objeto que com ele se correlaciona, um nome perderia também o seu significado. Essa idéia gera uma pressão para restringir os nomes reais àquelas expressões cujos objetos correlacionados não pudessem deixar de existir, isto é, os “nomes logicamente próprios”.

O desenvolvimento do raciocínio descrito acima leva em última instância ao reconhecimento de dêiticos como “este” como nome real (tese de Russell). Wittgenstein segue estruturando sua crítica com o questionamento da concepção de objetos simples, que, como vimos, seriam os correlativos objetivos dos nomes logicamente próprios.

A leitura do §41 das *Investigações* nos ajuda a compreender mais claramente o deslocamento identificado no interior do pensamento wittgensteiniano e possibilita que a pergunta discutida ao longo desta pesquisa, acerca da ideia de que a identidade do nome próprio não se pode dissociar das nossas práticas, com o reconhecimento de que tais práticas são marcadas por expectativas representacionistas, chegue a este ponto do texto com uma indicação de encaminhamento. Ao deixarmos de creditar a estabilidade do significado de um nome próprio a uma essência fixa — em boa parte dos casos, à existência de uma pessoa específica nomeada por aquele nome próprio — não temos mais de crer que tal nome deixa de ter significado (tampouco somos levados a crer que tal nome possa ter *qualquer* significado). O que parece se apresentar aqui é o fato de que, enquanto o dito nome funcionar dentro de um

ou de alguns jogos de linguagem, ele seguirá tendo significado. Isto é, nem mesmo o desaparecimento (ou morte) do ser que ele teoricamente nomeia representaria o fim da significação de um nome, uma vez que, de acordo com o enunciado wittgensteiniano mais famoso: “a significação de uma palavra é seu uso na linguagem” (§43). E os usos de um nome, quando os olhamos (em vez de meramente filosofar a respeito deles), independem da existência de um portador. O parágrafo que se segue esclarece:

§41. No §15 introduzimos nomes próprios na linguagem (8). Suponha agora que a ferramenta com o nome “N” esteja quebrada. A não sabe disso e dá a B o signo “N”. Este signo então tem significação ou não tem nenhuma? O que B deve fazer quando receber este signo? — Sobre isso não havíamos combinado nada. Poder-se-ia perguntar: o que fará ele? Ora, ficará talvez perplexo, ou mostrará os pedaços a A. Poder-se-ia dizer aqui: “N” tornou-se privado de significação; e essa expressão significaria que para o signo “N”, no nosso jogo de linguagem, não existe mais nenhum emprego (a menos que lhe déssemos um novo). “N” poderia também tornar-se privado de significação pelo fato de que, qualquer que seja a razão, se dê à ferramenta uma outra designação e não se continue a empregar o signo “N” no jogo de linguagem. — Podemos também imaginar um acordo pelo qual B, quando uma ferramenta estiver quebrada e A der o signo dela, deva sacudir a cabeça como resposta. — Com isso, poder-se-ia dizer que o comando “N”, mesmo que essa ferramenta não exista, foi admitido no jogo de linguagem, e o sinal “N” teria significação, mesmo que seu portador deixasse de existir.<sup>34</sup>

Alertando-nos para o esforço pouco produtivo a que nossas expectativas representacionistas costumam nos submeter, Wittgenstein (IF II 179) propõe um exercício que, por fim, parece indicar a artificialidade de buscarmos explicar filosoficamente o funcionamento de um processo que pretende vestir com uma camisa de força algo tão fluido quanto a significação linguística. A medida desta fluidez, que é a própria medida da fluidez das práticas humanas, resiste, como vemos na passagem a seguir, às nossas muito recorrentes tentativas de aprisionar nomes a entidades que, de fato, nunca vimos.

<sup>34</sup> §41 Im § 15 haben wir in die Sprache (8) Eigennamen eingeführt. Nimm nun an, das Werkzeug mit dem Namen »N« sei zerbrochen. A weiß es nicht und gibt dem B das Zeichen »N«. Hat dieses Zeichen nun Bedeutung, oder hat es keine? - Was soll B tun, wenn er dieses Zeichen erhält? - Wir haben darüber nichts vereinbart. Man könnte fragen: was wird er tun? Nun, er wird vielleicht ratlos dastehen, oder A die Stücke zeigen. Man könnte hier sagen: »N« sei bedeutungslos geworden; und dieser Ausdruck würde besagen, daß für das Zeichen »N« in unserm Sprachspiel nun keine Verwendung mehr ist (es sei denn, wir gäben ihm eine neue). »N« könnte auch dadurch bedeutungslos werden, daß man, aus welchem Grund immer, dem Werkzeug eine andere Bezeichnung gibt und das Zeichen »N« im Sprachspiel nicht weiter verwendet. - Wir können uns aber auch eine Abmachung denken, nach der B, wenn ein Werkzeug zerbrochen ist und A das Zeichen dieses Werkzeugs gibt, als Antwort darauf den Kopf zu schütteln hat. - Damit, könnte man sagen, ist der Befehl »N«, auch wenn dieses Werkzeug nicht mehr existiert, in das Sprachspiel aufgenommen worden, und das Zeichen »N« habe Bedeutung, auch wenn sein Träger zu existieren aufhört.

[...] Quando digo “O Sr. Russo não é russo”, tenho em mente (*meine*) o primeiro “russo” como nome próprio, e o segundo, como nome comum. Deve então ocorrer algo diferente no meu espírito quando pronuncio o primeiro ou o segundo “russo”? (A não ser que pronuncie a frase ‘como um papagaio’.) — Procure ter em mente o primeiro “russo” como um nome comum e o segundo como um nome próprio! — Como se faz isso? Quando eu o faço, pisco os olhos no esforço de tentar me representar a significação correta para cada uma das palavras. — Mas represento-me também a significação das palavras quando as uso do modo habitual?

Quando pronuncio a frase trocando as significações de seus termos, seu sentido se desintegra para mim. — Ora, desintegra-se para mim, mas não para a pessoa a quem faço a comunicação. O que tem isto, pois, de prejudicial? — “Mas ao pronunciar a frase de modo habitual ocorre realmente alguma outra coisa determinada.” — Não ocorre então aquela ‘representação da significação’.

A experimentação radical de entendermos a linguagem a partir do conceito de forma de vida é o que nos é apresentado por Wittgenstein como alternativa à visão agostiniana. Entendendo que, ao rejeitar a existência de um fundamento da linguagem, Wittgenstein não sugere que a significação linguística flutue em uma deriva infinita, vemos no seu pensamento elementos suficientemente sugestivos para o estabelecimento do diálogo entre a sua filosofia e uma possível terceira via.

\*\*\*

No próximo capítulo, me dedico à análise de trechos de quatro romances de Samuel Beckett, com o intuito de, por meio de suas provocações onomásticas e de reflexões feitas por personagens acerca de termos metalinguísticos, da linguagem e em especial dos nomes próprios, lidar com a experiência a que me lancei desde o início desta pesquisa, e ver ali, de que modo a filosofia em forma de composição poética de Wittgenstein se relaciona com a poesia em muito filosófica de Samuel Beckett.

Sigo pois tentando sugerir que tiremos as lentes representacionistas, que troquemos de chapéu, para vermos muito daquilo que está tão perto...

§103. O ideal está instalado definitivamente em nossos pensamentos. Você não pode se afastar dele. Deve voltar sempre a ele. Não há nenhum lá fora; lá fora falta o ar. – De onde vem isso? A idéia é como óculos assentados sobre o nariz e o que vemos, vemos através deles. Nem nos ocorre a idéia de tirá-los.<sup>35</sup>

<sup>35</sup> §103. *Das Ideal, in unsern Gedanken, sitzt unverrückbar fest. Du kannst nicht aus ihm heraustreten. Du muß immer wieder zurück. Es gibt gar kein Draußen; draußen fehlt die Lebensluft. - Woher dies? Die Idee sitzt gleichsam als Brille auf unsrer Nase, und was wir ansehen, sehen wir durch sie. Wir kommen gar nicht auf den Gedanken, sie abzunehmen.*